

Dialogando com estudantes universitários sobre as infecções sexualmente transmissíveis

Talking to college students about sexually transmitted diseases

Autores

Thelma Spindola. Professora Associada da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora do Projeto de Extensão. E-mail: tspindola.uerj@gmail.com

Claudia Silvia Rocha Oliveira. Estudante da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/UERJ. Voluntária do Projeto de extensão.

E-mail: enf.claudiaoliveira@gmail.com

Carolina Passos Sodre. Estudante da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista de Extensão. E-mail: c.sodrepassos@gmail.com

Hugo de Andrade Peixoto. Estudante da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista Proiniciar

E-mail: hugodeandradepeixoto@gmail.com

Mary Hellem Silva Fonseca. Estudante da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista Proiniciar. E-mail: mary_fonseca96@hotmail.com

Leticia Tambasco. Estudante da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Voluntária do projeto de extensão.

E-mail: leticiatambasco@hotmail.com

Recebido em: 27/03/2016 **Aprovado em:** 26/11/2017

DOI: 10.12957/interag.2017.22203

Relato

Resumo

Os jovens são um grupo vulnerável às doenças sexualmente transmissíveis em função de suas condutas sexuais. Considerando a população que ingressa anualmente nas universidades é constituída majoritariamente por pessoas jovens, torna-se relevante dialogar com esses estudantes acerca das infecções transmitidas pela prática do sexo inseguro. Este estudo tem o objetivo de relatar as

Abstract

Young people are a vulnerable group to sexually transmitted diseases because of their sexual behaviors. Considering that the population who enter universities each year is composed by young people in its majority, it becomes relevant to engage in dialogue with these students about the diseases spread during unprotected sex. This study aims to report the activities developed by the

atividades desenvolvidas pelo projeto de extensão “Quando o assunto é prevenção: dialogando com os jovens acerca das infecções sexualmente transmissíveis”, realizado nas dependências da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Descreve os momentos de interação com os jovens e a vivência das dinâmicas adotadas na execução da ação. As atividades tiveram início em 2013 e, desde então, o projeto já atingiu aproximadamente 600 jovens dos cursos de educação física, enfermagem, educação e odontologia. Em 2014 os alunos da Fundação da Infância e Adolescência, com sede na UERJ, com idades entre 13 e 16 anos, também, foram incluídos na ação. Os participantes são receptivos, demonstram boa aceitação e interesse durante a realização das dinâmicas e participam das atividades propostas pelos integrantes da equipe. Essa ação busca esclarecer a população jovem sobre as infecções sexualmente transmissíveis, estimulando a reflexão da importância da prática do sexo seguro para a prevenção da ocorrência das infecções, e a adoção de hábitos de vida saudáveis para a prevenção de agravos para a saúde sexual e reprodutiva. A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida se destaca como a doença mais conhecida entre os estudantes. Acreditamos que o diálogo e ações de conscientização podem favorecer a mudança de atitude e contribuir para a redução da ocorrência de infecções sexualmente transmissíveis entre os jovens.

Palavras-chave: *infecções sexualmente transmissíveis, educação em saúde, enfermagem*

Área temática: *Saúde*

extension project “On the subject of prevention: talking with young people about sexually transmitted infections”, held at the University of the State of Rio de Janeiro. It describes the moments of interaction with young people and the experience of the group activities that were employed in its implementation. The activities began in 2013 and, since then, the projected has already affected 600 young people, students of physical education, nursing, education and dentistry. In 2014, students from the Foundation of Childhood and Adolescence (which is located at the University), whose ages range from 13 to 16, were also included in the project. The participants are receptive; they take part in the activities and demonstrate their interest during the performance of the group activities. Also, they participate in the activities proposed by the team members. The activities seek to enlighten young people about sexually transmitted infections, stimulating reflection on the importance of the practice of safe sex to prevent the occurrence of these infections, and the adoption of healthy lifestyle habits so as to prevent the aggravation of harmful conditions to sexual and reproductive health. Acquired Immune Deficiency Syndrome stands out as the most well-known disease among students. We believe that dialogue and awareness can encourage a change of attitude and contribute to reducing the occurrence of sexually transmitted infections among young people.

Keywords: *Sexually Transmitted Diseases, Health Education, Nursing*

Linha de extensão: *Saúde humana*

Introdução

A descoberta da sexualidade é um momento importante na vida das pessoas e, geralmente, ocorre na adolescência¹. Para o adolescente, a sexualidade é um componente que auxilia a construção e formação da identidade dele. Durante esta fase do desenvolvimento humano o corpo experimenta diversas mudanças biológicas, denominado puberdade. Nesse período ocorrem transformações químicas e físicas que promovem uma série de alterações na composição corporal, emocional e social¹.

A população jovem é um grupo vulnerável às infecções sexualmente transmissíveis (IST) em função de características inerentes a esse momento de suas vidas². Um estudo brasileiro realizado sobre o conhecimento e o uso de preservativos por adolescentes demonstrou que os jovens tendem a não fazer uso desse recurso, e geralmente, não têm o hábito levar o preservativo nos encontros, acreditando que o seu uso reduz o prazer sexual³. O desconhecimento sobre as infecções e a falta de diálogo sobre o assunto são apontados pelos jovens como fatores que contribuem para a não adoção do preservativo nos contatos sexuais⁴. Os pais, as instituições de ensino e os profissionais de saúde devem estar atentos às características individuais dos jovens, para fornecer recursos necessários para mantê-los informados e orientados a respeito das IST, com o propósito de reduzir comportamentos de risco⁵.

As práticas educativas a respeito da educação sexual quando desenvolvidas no ambiente escolar promovem discussões que repercutem de maneira positiva entre os adolescentes, sendo o espaço apropriado para exteriorizarem seus sentimentos, dúvidas e receios. Projetos que promovem a integração das áreas de saúde e educação, e versam sobre sexualidade dos jovens e assuntos afins, estimulam o debate e a reflexão da temática, e promovem a construção de novos saberes⁶.

Com o intuito de assegurar o relevante papel da escola na educação sexual, foi lançado em setembro de 2008, o Programa Saúde nas Escolas (PSE) que tem como objetivo reforçar a promoção da saúde dos alunos, incluindo assim, a educação sexual e reprodutiva⁷. Nesse contexto, é de suma importância a capacitação de profissionais da área de saúde, principalmente os enfermeiros. Esses profissionais possuem um importante papel como educador e pesquisador e podem produzir conhecimentos sobre a temática da sexualidade, e contribuir assim, para a promoção da saúde e a prevenção de doenças ou agravos em jovens estudantes⁸. Ao implantar essa modalidade de ensino nas escolas o Ministério da Educação visa fomentar discussões que contribuíssem para a reflexão acerca do cuidado com a saúde sexual dos jovens, lembrando que muitas doenças podem ser prevenidas com a adoção de medidas preventivas. Nesse contexto se incluem as infecções sexualmente transmissíveis.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, cerca de um milhão de pessoas adquirem diariamente uma IST. Estima-se que 500 milhões de pessoas adquirem, anualmente,

uma IST curável, entre elas gonorreia, sífilis adquirida e clamídia. E, também, que 53 milhões de pessoas estejam infectadas com o vírus do herpes genital e 290 milhões de mulheres estejam infectadas pelo papiloma vírus humano (HPV)⁹. No período de 2007 a junho de 2016 houve o registro de 135.945 casos de infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) no Brasil, sendo que 52,1% na região Sudeste. Nos jovens com idades entre 13-19 anos tem-se observado a tendência de aumento da participação dos homens. As faixas etárias de 20-29 e 30-39 anos apresentaram tendência de aumento da razão de sexos nos últimos dez anos¹⁰.

De acordo com o Boletim Epidemiológico da Sífilis do Ministério da Saúde, em 2015, o número total de casos notificados no Brasil foi de 65.878 e desse total 56,2% eram residentes na região Sudeste. Quanto a distribuição por sexo e faixa etária, observa-se a prevalência de homens (60,2%) e jovens de 20-29 anos (33,1%).¹¹

Estudo de Leite et al (2007) realizado com universitários dos cursos de Enfermagem e Medicina verificou o método contraceptivo de preferência e a relação entre a escolha do método e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Nos resultados foi constatado que embora os estudantes adotem com maior frequência o preservativo masculino, a preferência está associada a outros fatores como a praticidade e o baixo custo e não à prevenção das DST/AIDS¹². Nesse cenário é necessária a implantação de políticas educacionais no âmbito da sexualidade, visando orientar os jovens quanto à prática do sexo seguro para reduzir a incidência de IST/AIDS¹³. Assim, o conhecimento a respeito das IST, a educação e a informação são meios facilitadores para as mudanças de comportamento sexual, sendo essenciais para reduzir a vulnerabilidade dos jovens a estas infecções¹⁴.

Calcula-se que, no mundo, um entre 20 adolescentes, contrai alguma IST a cada ano. De acordo com estimativas, mais de sete mil jovens são infectados pelo HIV, num total de 2,6 milhões, por ano, ou seja, mais da metade dos casos registrados no mundo. Vale ressaltar que na presença de uma IST a chance de infectar-se pelo HIV, aumenta de três a cinco vezes¹⁵. Nesse contexto, Villela e Pinto (2009) afirmam que existe uma importante sinergia entre o HIV e outras IST, sendo observado que, em geral, os portadores do HIV também são acometidos por outra IST¹⁶.

Considerando que é crescente o aumento da ocorrência de IST na população jovem; que na presença de uma IST o risco da pessoa contrair o HIV/AIDS aumenta consideravelmente, e que a população jovem, em geral, apresenta um comportamento sexual de risco e pode contrair uma IST surgiu, em 2013, o Projeto de Extensão “Quando o assunto é prevenção: dialogando com os jovens acerca das doenças sexualmente transmissíveis”. Esse projeto é coordenado pela Prof.^a Dr.^a Thelma Spindola, docente da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Esta atividade tem o propósito de esclarecer os estudantes universitários sobre as infecções transmitidas pela prática do sexo inseguro, considerando a vulnerabilidade da população a esses agravos. Além de estimular práticas de prevenção e cuidados com a saúde sexual e reprodutiva.

Para alcançar os propósitos da atividade são realizadas estratégias que buscam integrar os participantes e fazê-los refletir acerca da temática. O objetivo desse trabalho é descrever as atividades desenvolvidas pelo projeto de extensão junto aos estudantes universitários para a disseminação da informação acerca das infecções transmitidas pelo sexo desprotegido.

As ações do projeto - estratégias para o alcance dos objetivos

O Projeto de Extensão: Quando o Assunto é Prevenção: dialogando com os jovens acerca das infecções sexualmente transmissíveis, é oriundo da Faculdade de Enfermagem UERJ. Está sendo desenvolvido desde 2013, nas dependências da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, por uma equipe integrada por uma professora coordenadora e por estudantes de enfermagem bolsistas (Bolsista de Extensão, do Programa de Inserção em Práticas acadêmicas - PROINICIAR, e de Iniciação Científica) e alunos voluntários. As atividades têm sido realizadas junto aos estudantes dos cursos de Enfermagem, Odontologia, Educação e Educação Física. A partir de 2014 foram incluídos na atividade os alunos da Fundação da Infância e Adolescência, com sede na UERJ, com idades entre 13 e 16 anos, e que participam de quatro apresentações ao longo do ano (2 grupos por semestre)

Para a apresentação do projeto, são contatados os coordenadores dos cursos de graduação, expõe-se a proposta e verifica-se o interesse desses para apresentação do projeto aos estudantes. Os encontros são agendados previamente, sendo necessária uma sala de aula ou auditório, equipadas com data show. Cabe acrescentar que na impossibilidade desses recursos dispomos de outras estratégias para o alcance dos objetivos, ou seja, pode-se realizar o diálogo circular, apresentar um álbum seriado ou fotos (onde são explicitadas as IST), entre outros. Nos encontros os integrantes da equipe se apresentam, inclusive com a participação da coordenadora do projeto, e os objetivos da atividade são expostos ao grupo. No processo de organização da ação, existe preocupação com o conteúdo, na escolha dos materiais para a exposição oral para despertar o interesse dos jovens estudantes e incentivar a participação de todos, tendo o diálogo circular uma estratégia pedagógica para ensinar e aprender.

Para “quebrar o gelo” natural estabelecido entre os participantes e a equipe do projeto, são realizadas dinâmicas iniciais considerando ser o primeiro contato com os estudantes. Apresentam-se alguns questionamentos aos estudantes para identificar o senso comum desses jovens em relação às IST/AIDS, o modo de transmissão das infecções, questões culturais e crenças, que vão estimular a reflexão, o senso crítico e a verbalização dos mesmos. Na sequência se realiza uma dinâmica que busca fazê-los refletir sobre o comportamento sexual, como a dinâmica das assinaturas. De forma lúdica ressalta-se qual comportamento sexual pode colocar em risco a saúde sexual e reprodutiva dos jovens, e a importância do uso do preservativo para a prevenção da ocorrência de infecções transmitidas pelo ato sexual. Apresentam-se, então, as infecções sexualmente transmissíveis de maior incidência na população jovem, como Herpes, Hepatite B, Clamídia, Gonorreia, Sífilis Adquirida, Papiloma Vírus Humano (HPV) e Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), e os respectivos sinais e sintomas, o modo de transmissão e as práticas para a prevenção.

Para finalizar, com o auxílio de dois modelos em silicone do órgão sexual masculino e feminino demonstra-se como usar corretamente os preservativos masculino e feminino. Estimula-se a participação dos estudantes que demonstram a maneira correta de

colocação e retirada dos preservativos nos dispositivos. São fornecidos materiais informativos e preservativos. Ressalta-se que essa atividade conta com apoio logístico do Ministério da Saúde e das Secretarias de Saúde do Estado e Município do Rio de Janeiro. A apresentação tem duração em média de 40/50 minutos.

Resultados e perspectivas

Desde que a atividade teve início aproximadamente 600 estudantes da UERJ já participaram das atividades do projeto, sem contar os bolsistas e voluntários da atividade que totalizam 25 graduandos da enfermagem. Foi necessária muita persistência para o alcance desse total, considerando que as unidades acadêmicas possuem calendários com pouca flexibilidade para agendar atividades extras, o que dificulta a nossa entrada nos cursos. Temos buscado alternativas, como a aproximação dos estudantes através dos Centro Acadêmicos, o que tem facilitado o acesso em alguns cursos. A satisfação de interagir com os jovens, trocar informações e disseminar conhecimento é outro aspecto positivo. É oportuno acrescentar que nesse contexto, o diálogo é a melhor estratégia para a troca de informações e conhecimento. Considerando que os participantes são jovens oriundos de realidades diferentes, e possivelmente apresentam crenças e hábitos distintos, através da troca de informações, temos a oportunidade de socializar e aprender com a diferença.

Os estudantes têm uma participação ativa na ação, e demonstram que se sentem confortáveis durante as dinâmicas e interação com os integrantes do grupo. Estabelece-se um diálogo entre os participantes e a equipe do projeto, livre de preconceitos e motivado pela leveza da ação, favorecendo a reflexão sobre o conteúdo das informações e pode contribuir com o conhecimento e empoderamento dos jovens para a tomada de decisão em relação à sua sexualidade. Na concepção de autores^{4,5,6} a troca de informações, conhecimentos e estratégias educativas se constituem em ferramentas fundamentais para o controle da transmissão das IST e manutenção da saúde sexual e reprodutiva.

Nos encontros se percebe que quando o assunto é o HIV/aids os participantes manifestam maior grau de conhecimento, relacionado aos meios de transmissão do vírus e prevenção da doença. Esse resultado pode ser decorrente do acesso a essas informações no ambiente escolar (ensino fundamental e médio) e reforçadas através da mídia. Entretanto, outras IST como a clamídia, hepatite B, sífilis e gonorreia são pouco conhecidas entre os jovens o que justifica a relevância de realizar ações educativas nas instituições de ensino. Embora o conhecimento sobre HIV/AIDS esteja mais presente no contexto desses jovens, observa-se que existe uma lacuna quanto se trata das demais IST, como a clamídia e herpes, os jovens denotam que desconhecem sendo evidenciado que estes estudantes não detêm informações suficientes em relação a forma de transmissão, prevenção e cura de algumas IST¹⁷. Nessa perspectiva, dialogar com os estudantes em seu ambiente de ensino acerca das IST e os modos de prevenção, pode se tornar um instrumento de transformação e favorecer a troca de saberes⁶.

Considerando que o propósito do projeto é o esclarecimento dos jovens sobre as

IST, com estímulo para a prevenção, acreditamos que temos contribuído para a reflexão acerca da temática entre os universitários, e que os encontros possibilitam a verbalização de dúvidas, ressaltando-se a importância do sexo seguro para a prevenção de doenças e agravos para a saúde sexual e reprodutiva das pessoas. Assim, dialogam a respeito da prática sexual responsável que cuida da própria saúde e do outro. Existe a intenção da equipe em expandir as ações do projeto para outros cursos e áreas do conhecimento, nem sempre privilegiados com essas informações no meio acadêmico, como também atuar com estudantes do ensino fundamental (8º e 9º ano) e ensino médio, ampliando a cobertura da ação para alcançar um maior quantitativo de participantes.

Considerações Finais

A atividade de extensão tem sensibilizado os jovens para o cuidado com a sua saúde, e possibilita a construção do conhecimento, sendo um momento para reflexão e esclarecimento acerca das infecções sexualmente transmissíveis. Além disso, permitiu uma maior aproximação dos discentes da Faculdade de Enfermagem com os demais estudantes universitários, proporcionando uma experiência prática no campo da educação em saúde.

A troca de experiências e a socialização das informações acerca das IST e seus agravos para a saúde entre os estudantes universitários é um momento rico e que contribui para estimular a reflexão acerca da importância do cuidado com a saúde. Considerando que o aprendizado é um processo dinâmico e contínuo; que as pessoas precisam ser sensibilizadas para o cuidado com a saúde sexual; que necessitam usar o conhecimento como ferramenta para escolhas conscientes, acreditamos que as ações do projeto buscam sensibilizar o grupo para a problemática.

Acrescenta-se, ainda, que compreender as diversidades culturais, os hábitos, as crenças e o comportamento sexual dos jovens, é um desafio para os profissionais de saúde que buscam estratégias para a prevenção das infecções sexualmente transmissíveis nesse grupo. Nesse contexto, as ações do projeto têm sensibilizado os estudantes para cuidar de sua saúde sexual, observar o seu corpo e os sinais de modificação, estimulando-os na busca de soluções, sendo o protagonista no cuidado de sua saúde.

Referências

1. BRASIL. Ministério Da Saúde. **Caderno de Atenção Básica: Saúde Sexual e Reprodutiva**. Brasília DF. 2010. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcd26.pdf>. Acesso em: 19 set. 2015.
2. PAIVA, V. et al. Idade e uso de preservativos na iniciação sexual de adolescentes brasileiros. **Rev. Saúde Pública**.v.42, p.45-53, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003489102008000800007&script=sci_arttext> Acesso em: 19 set. 2015.
3. JARDIM, V.M. J. et al. O conhecimento e o uso de preservativo por adolescentes:

estudo comparativo em uma escola particular e pública. **Revista Científica da Faculdade de Medicina de Campos**, Campos dos Goytacazes, v. 8, n.1, maio, 2013.

4. PADILHA, A.P. et al. O conhecimento de adolescentes sobre doenças sexualmente transmissíveis. **Revista Eletrônica Gestão e saúde**. v.6, Supl. 3, p. 2249-2260, 2015.

Disponível em: <file:///C:/Users/enfcl_000/Downloads/1055-7455-1-PB.pdf>
Acesso em: 04 dez 2015.

5. THEOBALD, V. D. et al. A universidade inserida na comunidade: conhecimentos, atitudes e comportamentos de adolescentes de uma escola pública frente as doenças sexualmente transmissíveis. **Revista da AMRIGS**, Porto Alegre, v. 56, n. 1, p. 26-31, jan./mar. 2012.

6. NOTHAFT, S. C. S. et al. Sexualidade do adolescente no discurso de educadores: possibilidades para práticas educativas. **Rev Min Enferm.**, Minas Gerais, v. 18, n.2, p. 284-289, abr./jun. 2014.

7. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Marco teórico e referencial: saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens**. Brasília; 2006. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0471_M.pdf Acesso em:

8. SPINDOLA, T. et al. Produção de conhecimento acerca das doenças sexualmente transmissíveis na população jopem: pesquisa bibliométrica. **J. res.: fundam. Care. On line**. Rio de Janeiro, v. 3, n.7, p. 3037-3049, jul.-set. 2015.

9. WORLD HEALTH ORGANIZATION. Global incidence and prevalence of selected curable sexually transmitted infections – 2008. Disponível em: <<http://www.who.int/reproductivehealth/publications/rtis/stisestimates/en/>>. Acesso em 3 dez. 2015.

10. BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico HIV/AIDS**. Brasília. N.1, 2016. Disponível em: < <http://www.aids.gov.br/publicacao/2016/boletim-epidemiologico-de-aids-2016> Acesso em: 22 maio 2017.

11. BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico Sífilis**. Brasília. v.47, n.35, 2016. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2016/59209/2016_030_sifilis_publicao2_pdf_51905.pdf> Acesso em 24 maio 2017.

12. LEITE, M.T.F. et al. Saber e prática contraceptiva e prevenção de DST/HIV/AIDS em universitários da área de saúde. **Rev. Bras. Enf.** Brasília. v. 60, n.4, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v60n4/a14.pdf>> Acesso em: 20 set 2015.

13. BESERRA, E.P.; PINHEIRO, P.N.C; BARROSO, M.G.T. Ação educativa do enfermeiro na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis: uma investigação a partir das adolescentes. **Esc. Anna Nery Rer Enferm.** v. 3, n.12, p.522-528, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v12n3/v12n3a19>> Acesso em: 20 set. 2015.

14. COSTA A.C.P.J. et al. Vulnerabilidades de adolescentes escolares às DST/HIV em Imperatriz do Maranhão. **Rev. Gaúcha de Enferm.** Porto Alegre, v. 3, n.34, p.179-186, set. 2013.

15. THIENGO M.A.; OLIVEIRA D.C.; RODRIGUES B.M.R.D. Representações sociais do HIV/AIDS entre adolescentes: implicações para os cuidados de enfermagem. **Rev Enferm USP**. São Paulo, v. 39, n.1, p. 68-76, mar. 2005.

16. VILLELA, W.; PINTO, V.M. Atenção às DST em mulheres. (2009). Disponível em: <http://www.aids.gov.br/sites/default/files/14_atencaoasdstemmulheres.pdf> Acesso

em: 22 mar. 2017.

17. DANTAS, K.T.B et al. Jovens universitários e o conhecimento acerca das doenças sexualmente transmissíveis – contribuição para cuidar em enfermagem. **J. res.: fundam. care. online.** Rio de Janeiro, n.3, v. 7, p. 3020-3036, jul.-set. 2015.